

ELLE KENNEDY

AUTORA BESTSELLER DA SÉRIE OFF-CAMPUS



a
**REGRA
DIXON**

TOP
SEL
LER

SÉRIE CAMPUS DIARIES

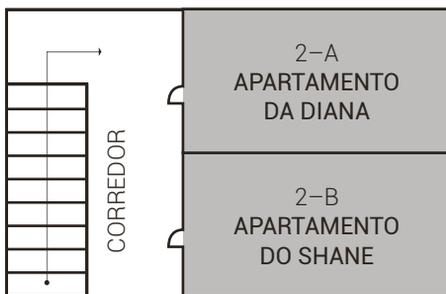
RED BIRCH

PLANTA DO PRÉDIO

RÉS DO CHÃO



PRIMEIRO ANDAR



APARTAMENTOS

MEADOW HILL

CAPÍTULO 1

DIANA

Satanás ataca de novo

JULHO

No topo do meu espelho formam-se duas gotas de água que, lentamente, começam uma corrida até cá abaixo. Aposto que a gota número dois será a vencedora, pois é ligeiramente maior. Ou tudo ou nada, certo? Porém, embora ganhe velocidade, desvia-se para a esquerda. A gota número um mantém a direção e pinga sobre o móvel da casa de banho.

É por isso que me recuso a fazer apostas.

Pego numa toalha e limpo o resto da condensação, descobrindo o meu reflexo. Um rubor rosado cobre-me o peito e os ombros, efeito da temperatura escaldante da água. O meu chuveiro está avariado, mas estou demasiado falida para mandar vir um canalizador e o meu pai diz que só poderá passar aqui pelas redondezas no final da semana. O que significa que terei de aguentar a água dos infernos durante mais uns dias, se a minha pele não queimar entretanto.

Depois de o meu pai arranjar o chuveiro, imagino, talvez possa tentar resolver o problema da gaveta do armário da cozinha, que, de repente, deixou de abrir. E a seguir perceber porque é que a máquina de gelo do frigorífico deixou de funcionar sem razão aparente.

Ser proprietária de uma casa é cansativo. Sobretudo se formos totalmente incompetentes. Já mencionei que o problema original do meu chuveiro era não parar de pingar? Tentei arranjá-lo vendo um tutorial online e foi assim que o jato do chuveiro se transformou num vulcão. Canalização não é a minha cena.

Afasto-me do espelho e pego numa toalha cor-de-rosa fofinha, saindo da casa de banho cheia de vapor para respirar o ar normal do corredor.

— Ia morrendo — comunico ao *Skip* assim que entro na sala, envolvendo-me na toalha. Olho para o outro lado da divisão aberta e espaçosa, na direção do aquário de setenta e cinco litros junto à parede do fundo da sala.

O peixe-dourado gordo olha para mim com o seu desconcertante olhar sepulcral.

— Não gosto que não consigas pestanejar — digo. — É bizarro.

Ele olha outra vez para mim, agita as barbatanas e nada até à extremidade oposta do aquário. No momento seguinte, esconde-se sem grande sucesso atrás de um cofre dourado. Quando mostrei uma fotografia do *Skip* ao tipo da loja dos peixes, ele disse-me que nunca vira um peixe-dourado tão grande. Aparentemente, o meu peixe é obeso. Além de ser demasiado silencioso para a minha paz de espírito. Não confio em animais de estimação que não fazem barulho.

— Sabes que mais, *Skip*? Um dia destes, hás de ficar triste com qualquer coisa e, em vez de te consolar, também hei de nadar para longe. Põe isso no teu estúpido cofre de piratas e embrulha.

Odeio peixes. Se pudesse escolher, não teria peixes. Este terrível encargo foi-me impingido pela minha falecida tia, que me deixou o seu estimado e inútil peixe-dourado em testamento. O notário parecia estar a tentar não se rir quando leu essa parte em voz alta à família. O Thomas, o meu irmão mais novo, não fez esse esforço, desatando às gargalhadas até o meu pai lhe lançar um olhar.

O lado positivo é o aquário ter vindo juntamente com o apartamento da tia Jennifer, fazendo de mim proprietária de uma casa aos 21 anos. Nem tudo é mau.

O banho foi tão escaldante que me deixou cheia de sede. Apetece-me beber uma garrafa de água inteira antes de me vestir. Descalça, dirijo-me ao frigorífico, mas o meu passo vacila quando, de repente, o telemóvel toca sobre a bancada de granito, sobressaltando-me. Viro-me e olho para o ecrã, contendo um resmungo. É uma mensagem do meu ex.

PERCY:

Oi, queres encontrar-te hoje à noite para pormos a conversa em dia? Estou livre a partir das oito.

Ná. Não estou interessada. Mas, obviamente, não posso ser assim tão direta. Posso ter mau feitio, mas não sou mal-educada sem razão. Terei de pensar numa forma delicada de o desiludir.

Não é a primeira vez que me contacta para «pôr a conversa em dia». Talvez a culpa seja minha, pois disse-lhe que podíamos continuar a ser amigos depois de nos separarmos. Eis um conselho: *nunca* sugiram continuar amigos se não pretenderem fazê-lo. É a receita para o desastre.

Deixo o telemóvel na bancada e tiro uma garrafa de água do frigorífico. Lidarei com a mensagem do Percy quando estiver vestida.

Assim que atiro a garrafa vazia para o caixote debaixo do lava-louça, ouço um miar familiar invadir o corredor. As finas paredes do meu apartamento, que parecem de papel, não chegam para abafar os ruídos do exterior. Ouço os passos de toda a gente, e o som das patinhas da *Lucy* não é exceção. Além de que a maldita gata usa um guizo na coleira, anunciando todos os seus movimentos.

Ao pensar no meu sentido de dever, reprimo um palavrão. Adoro a minha vizinha de baixo, a Priya, mas a sua gata fugitiva dá-me cabo dos nervos. Pelo menos uma vez por semana, a *Lucy* consegue escapular-se do seu apartamento sem que ninguém a veja.

Abro a porta e uma rajada de ar frio entra-me em casa. Tento ignorar a pele de galinha que sinto nos braços ao pôr os pés na tijoleira do corredor.

— *Lucy?* — chamo, cantarolando.

Já sei que o meu tom não deve transmitir qualquer indício de frustração ao chamar o seu nome. Ao mínimo sinal de raiva, aquela bola cinzenta de algodão sai disparada para a porta da rua como um meteoro precipitando-se para a Terra.

Meadow Hill, o nosso condomínio, não é como os outros. Não é nenhuma monstruosidade de cinquenta andares, apinhada de centenas de apartamentos. Pelo contrário, o arquiteto que o desenhou inspirou-se numa estância balnear, por isso, a propriedade consiste em quinze edifícios de dois pisos, cada um com quatro apartamentos. Os prédios estão ligados por caminhos sinuosos e a maioria tem vista para o relvado verdejante, os campos de ténis e a piscina. Da última vez que a *Lucy* fugiu, o Niall, o meu outro vizinho de baixo, estava a chegar do

trabalho. Ela aproveitou a porta da rua aberta e passou por ele a correr em busca da liberdade eterna.

— *Lucy?* — volto a chamar.

O tilintar de um guizo vindo das escadas chama-me a atenção. Com um miado rouco, a gata cinzenta malhada aparece no topo do patamar. Senta-se, bem-comportada, e fica a olhar para mim de uma maneira desafiadora.

Sim, estou aqui, provoca. O que vais fazer em relação a isso, cabra?
Ajoelho-me devagar, de modo a ficarmos olhos nos olhos.

— És a gata do demónio — informo-a.

Ela analisa-me por um instante, depois ergue uma pata e dá-lhe uma lambidela acanhada, voltando a pousá-la no chão.

— Estou a falar a sério. Vieste do inferno, diretamente das mãos cruéis de Satanás. Diz-me a verdade: ele enviou-te para me atormentares?

— *Miau* — profere, orgulhosa, sem pestanejar.

Fico boquiaberta. A sacana acabou de o confirmar!

Avanço, de joelhos, agarrando a parte de cima da toalha. Estou a meio metro da gata quando, de repente, ouço vozes à entrada do prédio e o ruído de passos ao fundo das escadas.

A *Lucy* pira-se, saltando sobre o meu ombro como uma corredora de barreiras das olimpíadas felinas. Precipita-se para minha porta entreaberta, assustando-me de tal forma que me faz cair para a frente. Instintivamente, tento amparar a queda com as mãos, largando a toalha.

Esta cai no chão no preciso momento em que uma sombra paira sobre mim.

Dou um grito surpreendido. Quando me apercebo, tenho três jogadores de hóquei a olhar para mim.

Para o meu *corpo nu*. Porque estou nua.

Já tinha dito que estou nua?

— Estás bem, Dixon? — pergunta uma voz grave e trocista.

As minhas mãos apressam-se a esconder a minha nudez, mas só tenho duas e há, pelo menos, três áreas que gostaria de ter cobertas.

— Oh, meu Deus, não olhem para mim — ordeno, pegando rapidamente na toalha que está no chão.

Em sua defesa, os rapazes desviam o olhar. Ponho-me de pé num salto, fixando rapidamente a toalha. De *todas* as pessoas com quem me

podia deparar nesta situação, *tinha* de ser o Shane Lindley e os seus amigos. E o que estarão aqui a fazer...

De repente, ocorre-me. Oh, não.

O terror apodera-se do meu estômago ao reparar nos olhos pretos e divertidos do Shane.

— *Não*. É hoje?

Ele esboça um sorriso rasgado, mostrando os seus dentes brancos perfeitos.

— Sim, é hoje.

Satanás ataca de novo.

O Shane mudou-se para o meu condomínio.

Felizmente, não para minha casa. Porque isso seria duplamente horrível. Seria incapaz de dividir a casa com um palhaço arrogante. Já é suficientemente mau dividirmos o andar. Os pais do Shane (porque são ricos e, aparentemente, acreditam que mimar excessivamente os filhos é propício a criar adultos humildes) ofereceram o apartamento ao lado do meu ao seu filho nada humilde. Estava vazio desde que a Chandra, a minha antiga vizinha, se reformou e se mudou para o Maine para estar mais perto da família.

A minha melhor amiga, a Gigi, é casada com o melhor amigo do Shane, o Ryder, por isso, ela avisou-me de que a mudança seria esta semana. No entanto, teria gostado de saber especificamente o dia e a hora. Ou, pelo menos, de ter recebido uma mensagem a avisar que seria hoje. Assim, estaria preparada e *não* de toalha. Esta noite, ao jantar, vou dar-lhe na cabeça.

— Não te preocupes, não vimos nada. — A garantia provém do rosto angelical do Will Larsen.

— Eu vi-te as mamas e uma nádega — diz solicitamente o Beckett Dunne.

Não sei se hei de rir ou chorar. Com o seu rosto perfeito, ligeiro sotaque australiano e cabelo louro ondulado, o Beckett é demasiado sexy para o seu bem. Tudo o que sai da sua boca parece encantador, quando na boca de outra pessoa pareceria ordinário.

— Apaga isso da tua memória — aviso.

— Impossível — responde, piscando-me o olho.

Volto a olhar para o Shane, sentindo a boa disposição a desvanecer.

— Não é demasiado tarde para venderes a casa — digo, num tom esperançoso.

Embora saiba que é apenas um sonho. Ele não vai a lado nenhum, não depois de os pais terem gastado, provavelmente, uma fortuna a renovar-lhe a casa. Durante o último mês, o barulho de obras no seu apartamento foi constante. O pobre do Niall, do andar de baixo, teve esgotamentos nervosos diariamente por causa do barulho do berbequim. O homem é extremamente alérgico ao ruído.

Pergunto-me que obras o Shane terá mandado fazer no apartamento. Aposto que o transformou numa caverna de gajo estereotipada à medida dos seus gostos de engatatão.

E, acreditem, conheço bem esses gostos. Estes incluem (até à data, mas a lista está em aberto) duas e meia das minhas colegas *cheerleaders*; meia porque só estive na marmelada com a terceira. Ainda assim, o tipo anda a ceifá-las como um agricultor na época da colheita. A Gigi contou-me que lhe partiram o coração no ano passado e que já não estava solteiro há muito tempo. Disse que está a tentar recuperar o tempo perdido. Mas parece-me um par de desculpas esfarrapadas e não acho que os engatatões precisem de dar desculpas. Trata-se simplesmente de uma questão genética.

— Não precisas de te fazer forte à nossa frente — diz o Shane. — Toda a gente sabe da tua paixoneta por mim.

Dou uma gargalhada.

— Acho que a única pessoa que tem uma paixoneta por ti és *tu*.

Honestamente, não me surpreenderia se o tipo passasse o tempo em que não está em campo a admirar-se ao espelho. Os jogadores de hóquei são reconhecidamente obcecados por duas coisas: pelo hóquei e por si próprios. O Shane Lindley não é exceção.

A sua beleza não me deslumbra, embora ele seja indiscutivelmente atraente. Alto e bonito. Com uma boca grande e sensual e o cabelo preto num corte à escovinha. Um corpo atlético e covinhas que lhe sulcam o rosto sempre que tenta seduzir alguém com um sorriso malandro. Hoje, o seu corpo musculado traz vestidos uns calções de basquetebol e uma t-shirt vermelha que favorece o seu tom de pele mais escuro.

Quando reparo nos olhos cinzentos do Beckett a olhar novamente para o meu corpo envolto na toalha, franzo-lhe o sobrolho.

— Podes ficar a olhar o tempo que quiseres, mas juro que a toalha não volta a cair.

— Se isso acontecer, prefiro não perder a oportunidade. — Os seus dentes quase cintilam sob a luz fluorescente ao esboçar o seu sorriso oferecido.

— É aqui que tu moras? — pergunta o Will, apontando para a porta atrás de mim.

— Infelizmente.

— Fogo. Quando a Gigi disse que vocês iam ser vizinhos, não me apercebi de que seriam *vizinhos* — observa, olhando da minha porta até à porta ao fundo do corredor.

— Por favor, não me esfregues isso na cara — resmungo. Ao Shane, digo: — Se estás à espera de um comité de boas-vindas, estás com azar. O meu novo objetivo é encontrar uma forma de viver a minha vida sem nunca me cruzar contigo.

— Boa sorte. — Os olhos castanho-escuros do Shane brilham de gozo. — Porque o *meu* novo objetivo é tornarmo-nos melhores amigos e passarmos a vida juntos. Aliás, vou dar uma festa este fim de semana. Devíamos unir esforços. Deixávamos as duas portas abertas e...

— *Não*. — Espeto o indicador no ar. — Nem pensar. Isso não vai acontecer. Na verdade, vocês os dois... — lanço um olhar fulminante ao Will e ao Beckett — esperem por ele em casa. Eu e o Lindley precisamos de discutir as regras do jogo.

CAPÍTULO 2

SHANE

O Verão do Shane

Vou a rir-me sozinho enquanto sigo a loura irritada até ao seu apartamento. Assim que passamos da entrada para a sala, dou por mim a pestanejar algumas vezes, pois não é nada do que estava à espera. Na sala de estar estão mobílias desirmanadas e um tapete *bordeaux* que choca com o sofá azul-claro de padrão floral. O tipo de sofá que encontraríamos na casa de uma avó falecida na altura das partilhas. Tipo, ninguém da família disputaria o sofá a não ser para decidir quem iria tirá-lo dali.

— A tua casa tem uma onda muito «senhora dos gatos» — observo.

— *Miau* — ouve-se da cozinha.

— Caramba. Tens mesmo um gato. — Fico boquiaberto ao ver sair um gato cinzento malhado de trás da pequena ilha, que olha para mim como se lhe tivesse matado as crias.

A expressão da Diana reflete a do gato.

— É a *Lucy*. Tem a mania de fugir quando a vizinha de baixo está com um dos seus pacientes de terapia.

— Mequíé? — digo à gata, acenando com a cabeça em jeito de cumprimento.

— Não vale a pena. Ela é um demónio das profundezas do inferno — diz a Diana, no preciso momento em que a *Lucy* se aproxima e se roça na minha perna.

A gata ronrona satisfeita, serpenteando o corpo peludo entre as minhas canelas.

A Diana olha para nós com ar ameaçador.

— Porque é que não me surpreende que vocês os dois se deem bem? Desaparece, *Lucy*. Eu e o Lindley precisamos de falar.

A *Lucy* senta-se aos meus pés, ainda a ronronar.

— Ela tem um excelente gosto no que toca às pessoas — digo, continuando a analisar o ambiente estranho que me rodeia.

Há um armário antigo cheio de louça que choca completamente com a estante moderna ao seu lado. E aquilo será...

— Meu Deus. Tens um peixe? Quem é que tem um peixe como animal de estimação? Devias ter mais amor-próprio, Dixon.

Ela fulmina-me com os seus olhos verde-esmeralda. Quase consigo sentir o calor.

— Deixa o meu peixe em paz. Pode não ser perfeito, mas é meu.

Disfarço uma gargalhada. Não consigo ignorar que ela continua apenas de toalha. E... bem, não vou mentir... parece absolutamente deliciosa. A Diana é deslumbrante, com uns olhos afastados, cabelo louro-platinado e uma boca atrevida. É um pouco baixa para o meu gosto habitual, mal passa do metro e meio, um metro e cinquenta e sete, se quisermos ser generosos. Uma boazona em miniatura com uma enorme personalidade. Embora me pareça que grande parte dessa personalidade envolva chatear-me os cornos.

— Vou vestir-me. Mas nós temos de falar, por isso, não te vás embora.

— Posso ajudar-te a vestir — sugiro, inocentemente.

— Argh. Nunca na vida.

Reprimo uma gargalhada. Eu e a Diana temos uma relação de amor-ódio. No sentido em que ela me odeia, e eu amo chateá-la.

Assim que vira costas, fico a admirar a forma como a toalha lhe sobe pelas coxas tonificadas. Juro que consigo vislumbrar a parte de baixo das suas nádegas. A pele clara ostenta um bronzeado intenso de verão, o que me diz que deve andar a usar a piscina. Foda-se, agora tenho uma *piscina*. Este sítio é tão fixe.

Nem sequer me importo que os meus amigos e colegas gozem comigo por o meu «papá rico» me ter comprado um apartamento. É verdade que a minha família tem dinheiro, mas não sou nenhum otário mimado e privilegiado. Não pedi ao meu pai que me comprasse um apartamento. Para ele é um investimento; assim que eu acabar o curso na Universidade Briar e for para Chicago jogar na NHL, ele irá pôr esta casa a arrendar, como é habitual fazer com as suas propriedades no Vermont e no norte do Massachusetts.

Até lá, posso desfrutar do meu espaço depois de ter dividido casa com o Ryder e o Beckett nos últimos três anos. Dois desses anos foram passados na Eastwood, a nossa antiga faculdade. Depois da fusão das equipas de hóquei masculinas da Eastwood e da Briar, mudámo-nos para Hastings, a cidadezinha mais próxima do *campus* da Briar.

A Diana regressa, vestindo uns calções de ganga e uma t-shirt larga. Não está a usar sutiã e, involuntariamente, o meu olhar dirige-se para os seus mamilos eretos, que espreitam através do tecido fino.

— Para de olhar para as minhas mamas.

Não nego que era o que estava a fazer. Encolhendo os ombros, desvio o olhar e agito a mão, apontando para a sala espaçosa.

— Tirando a decoração, esta casa é muito fixe. E parece um pouco maior do que a minha. Quanto pagas de renda?

— Não pago. E não vou dizer-te quanto é a minha hipoteca. És um bocado cusco.

Ergo as sobrancelhas.

— É tua? Altamente.

Ela para de falar, como se não quisesse interagir comigo, mas depois diz:

— A minha tia deixou-me em testamento. Só morou aqui um ano antes de morrer.

Olho em volta. Não queria perguntar, mas...

— Não, não morreu nesta sala. Teve um ataque cardíaco no escritório, em Boston.

— Fogo. Que merda. Lamento.

— Enfim. Vamos lá despachar isto. As regras. — A Diana cruza os braços. — Lá porque agora estás no Meadow Hill, não significa que tenhas liberdade total.

— Acho que é exatamente o que significa. — Divertindo-me à brava, imito a sua pose, cruzando também os braços. — Eu moro aqui.

— Não, tu moras *ali*. — Ela aponta para a parede atrás de si, indicando o meu apartamento. — Não moras *aqui*. — Agita a mão ao redor da sala. — Por isso, não andes por aí a sugerir dar festas em minha casa.

— Não foi nada disso. Só fiz uma sugestão.

Ela ignora-me.

— Porque eu não vou dar nenhuma festa contigo. Este é o meu santuário. Não sei o que a Gigi te disse sobre mim...

— Disse que és uma grande chata.

A Diana sobressalta-se.

— Não disse nada.

— E que és muito exigente.

— Não acredito.

— Bem, essa parte é verdade.

Ela semicerra os olhos e sei que, mais tarde, irá enviar uma mensagem à Gigi a confirmar. A mulher do meu melhor amigo (fogo, ainda é estranho dizer isto) avisou-me sobre a Diana, aconselhando-me a deixar a melhor amiga em paz se não quisesse ser criticado diariamente. Mas isso não está na minha natureza. Algumas pessoas fogem do confronto. Outras perdem o sono sabendo que alguém poderá não gostar de si, e eu tenho a certeza de que a Diana não gosta de mim. Mas não sou de evitar confrontos e, por algum motivo, a sua antipatia só me faz querer chateá-la mais. É a criança que há em mim. Todos os homens regridem à infância de vez em quando.

— Estás a ouvir? — resmungo.

Levanto a cabeça. Ah, o sermão continua. Distraí-me completamente.

— Claro. Não há festas no teu apartamento.

— Nem na piscina.

Ergo uma sobranceira.

— Estás a falar pelo prédio todo?

— Não. O prédio fala pelo prédio. Não leste o manual do condomínio?

— Miúda, eu acabei de chegar.

— Não me chames miúda.

— Nem sequer pus um pé em casa e já me estavas a arrastar para aqui.

— Bem, lê o manual da associação de moradores. Levamos isto muito a sério, está bem? O condomínio reúne duas vezes por mês aos domingos de manhã.

— Pois, eu não vou fazer isso.

— Já estava à espera. E, honestamente, não quero que vás. Pronto... — Ela bate as palmas como se estivesse a dirigir um dos seus treinos de *cheerleading*. A Diana é capitã da claque da Briar. — Vamos

resumir as regras. Não abuses das festas. Limpa o equipamento depois de usares o ginásio. Não faças sexo na piscina.

— E broches na piscina?

— Ouve, não me interessa quem queres chupar, Lindley. Só não o faças na piscina.

Esboço um sorriso rasgado.

— Claro que seria eu a recebê-los.

— Ah, sim? — A Diana sorri docemente. — O mais importante é lembrares-te de que não somos amigos.

— Amantes, então? — Pisco-lhe o olho.

— Não somos amigos nem amantes. Somos vizinhos. Somos moradores sossegados e respeitadores do edifício Red Birch do condomínio Meadow Hill. Não nos chateamos um ao outro...

— Quer dizer, estás a chatear-me um bocado, neste momento.

— ... não arranjam problemas e, de preferência, não falamos.

— Isto não é considerado falar?

— Não. Esta conversa conduz às futuras conversas que não teremos. Concluindo, não somos amigos. Nada de parvoíces. Ah, e para de pinar com as minhas colegas.

Então é disto que se trata. A Diana continua zangada por eu me ter envolvido com algumas das suas *cheerleaders* no semestre passado. Aparentemente, uma delas, a Audrey, começou a gostar de mim e distraiu-se de tal modo nos treinos que caiu da pirâmide e torceu o tornozelo. Mas que culpa tenho eu? Quando estou em campo, sou capaz de ignorar tudo e concentrar-me no hóquei. Eliminar todas as distrações e ser o melhor no meu desporto. Se a Audrey não foi capaz de ignorar um bacano com quem se enrolou *uma* vez, acho que é um problema dela.

— Tudo bem — digo, impaciente. — Há mais alguma regra Dixon, ou posso ser dispensado? A minha mobília não se vai montar sozinha.

— É tudo. Embora, na verdade, apenas uma regra Dixon importe. Não são permitidos Shanes.

— Onde?

— Em lado nenhum. Mas, principalmente, na minha proximidade. — Ela volta a sorrir, mas sem qualquer vestígio de boa disposição. — Pronto, estamos conversados. — Ela aponta para a entrada. — Já podes ir embora.

— Então é assim que vai ser, hein?

— Sim, acabei literalmente de te dizer que é assim que vai ser. Bem-vindo a casa, Lindley.

Saio obedientemente da sua casa e regresso à minha, onde o Will e o Beckett estão a tentar montar o meu novo sofá modular. O Will abre o plástico que envolve as almofadas grandes com uma faca, enquanto o Beckett está agachado no chão a tentar perceber como prender o módulo principal à *chaise-longue*. Optei por uma cor cinzento-escura porque será mais fácil de limpar. Não que alguma vez vá ter oportunidade; a minha mãe insiste em mandar uma empregada para me limpar a casa de quinze em quinze dias. Fazia o mesmo quando eu dividia casa com o pessoal. Segundo ela, as minhas competências de limpeza serão sempre medíocres. Não concordo. Acho que, pelo menos, podia tornar-me minimamente competente. Preciso de me superar no mundo da limpeza.

— Desculpem — digo aos meus amigos. — A Dixon estava a precisar de me dar na cabeça. É assim que demonstra o seu amor.

O Will ri-se.

O Beckett olha para cima com um sorriso rasgado.

— Já, desculpa que te diga, amigo, mas não vais conquistar aquela miúda com essas covinhas.

Talvez tenha razão.

— Puto, ela não gosta mesmo nada de ti — acrescenta o Will, insistindo. — Na semana passada, jantei com ela e com a Gigi e, quando o teu nome veio à baila, a Diana revirou os olhos de tal maneira que parecia que iam saltar-lhe da cara.

— Obrigadinho. Sabe *tão* bem ouvir isso.

— Hum-hum, tenho a certeza de que o teu ego gigante sofreu um grande golpe.

Aproximo-me do Will para o ajudar com as almofadas e os três arrastamos o sofá para outro sítio depois de o Beck decidir que não pode ficar debaixo da janela, pois apanhará demasiado frio no inverno. Posicionamos o sofá de modo a estar virado para a parede de tijolo exposto ao fundo da sala. Dou um passo atrás para apreciar a disposição da mobília. Está perfeita.

— Devíamos pôr a televisão ali — digo, apontando para o tijolo. — Podemos furar aquela parede?

— Já, não deve haver problema — responde o Beckett, aproximando-se para examinar a parede. Afasta o cabelo louro despenteado da cara.
— Larsen, passas-me aí o berbequim?

— Olha para ti — gozo. — O Sr. Faz-Tudo.

O Beckett pisca o olho.

— Surpreende-te realmente saber que sou bom com as mãos?

Bem visto.

Depois de decidirmos a disposição do sofá e da televisão, dirigimo-nos ao quarto para montar a cama. É tamanho *queen*, embora uma *king* talvez tivesse cabido aqui. O Will retira o material da caixa. Eu e o Beckett organizamos as várias peças da elegante madeira escura de cerejeira. Enquanto trabalhamos, o Beck divaga sobre tudo o que tenciona fazer quando for a casa no verão. Tecnicamente, o Beckett mora em Indianápolis, para onde se mudou a família quando ele tinha 10 anos, embora tenha nascido e passado os primeiros anos na Austrália. Partirá para Sydney no domingo.

— É uma treta que nenhum de vocês venha comigo — diz ele, com tristeza. — Percebo porque é que o Ryder não pode. Mas e vocês? Nenhum de vocês pode vir?

Encolho os ombros.

— Não, desculpa. Não posso bazar para a Austrália. O verão é a única altura do ano em que posso passar tempo com a minha família. — É verdade. No resto do ano, estou totalmente concentrado no hóquei e um pouco menos no trabalho escolar necessário para continuar elegível para jogar.

O Beckett acena que sim.

— Eu percebo. A família é importante. — Sei que é chegado aos pais e aos primos da Austrália. É filho único, por isso, os primos são o mais próximo que tem de ter irmãos.

— Surpreende-me que não vás. — Olho de relance para o Will.

Ele encolhe os ombros.

— Vou estar a trabalhar no verão. Quando acabar o curso, quero fazer uma viagem de mochila às costas pela Europa. Talvez ficar por lá seis meses ou um ano.

— Boa. Parece fixe.

O Beckett ri-se.

— Diz o bacano que jamais viajaria de mochila às costas.

— Isso não é verdade. Iria na boa.

— A sério? — exclama o Beck, desconfiado.

— Claro. Andava de mochila a explorar as zonas fixas da cidade e tirava-a quando voltasse para o meu hotel de cinco estrelas.

— Buguês do caralho.

Sorriso. Sinceramente, não me importo de abdicar do conforto. Acampar é ótimo. E andar de mochila pela Europa parece-me incrível. Mas porque haveria de viajar com um orçamento limitado quando não preciso de o fazer?

— Arranjaste um trabalho de jardinagem ou assim, não foi? — pergunto ao Will.

— Numa empresa de piscinas.

Fico boquiaberto.

— És um daqueles rapazes que tratam das piscinas?

Quando o Will acena que sim, o Beckett solta um suspiro audível.

Olho para ele, divertido.

— Queres acrescentar alguma coisa?

— Só... não tenhas muitas esperanças. Quando descobres que o teu amigo é um rapaz que trata das piscinas, crias toda uma narrativa na tua cabeça, mas, depois, *pumba*, ele destrói-te as ilusões e os teus sonhos flutuam para longe como uma pena ao vento.

— Usaste muitas metáforas estranhas só para dizeres que não vou para a cama com as clientes. — O Will revira os olhos e repete. — Eu não vou para a cama com as clientes.

— Porque não? — Imagino mulheres maduras insinuando-se em biquínis minúsculos, a servirem copos de limonada ao Will e, depois, «Ups, caiu-me a parte de cima do biquíni. Queres pinar?»

— Porque, em primeiro lugar, seria despedido. — O seu tom é seco.

— É justo. Mas de que serve a vida sem o risco de seres despedido?

— Diz o ricaço.

— O teu pai não é congressista? Provavelmente, és mais rico do que eu. Também conhecido como a última pessoa que precisa de trabalhar como rapaz das piscinas durante o verão.

— Ná. Não quero ficar em dívida para com o meu pai. Prefiro traçar o meu próprio caminho.

Acho um gesto admirável. No entanto, não vou começar a queixar-me por os meus pais continuarem a sustentar-me. Tenho 21 anos e, felizmente, estou desempregado. É o último verão antes do fim do curso e quero aproveitar cada segundo. O meu plano é concentrar-me nos treinos de força e condicionamento antes da próxima época de hóquei. Ir ao ginásio todas as manhãs. Tentar incluir natação no treino cardiovascular. Também sou membro de um clube de golfe aqui perto, por isso, passarei pelo *green* algumas vezes por semana.

Que comece o Verão do Shane.

Depois de acabarmos de montar a cama e limparmos tudo, o Beck e o Will perguntam-me se quero ir jantar com eles à cidade, mas decido cortar-me. Quero arrumar algumas coisas e organizar as minhas cenas.

Pela ajuda desta tarde irei compensá-los com cerveja e uma festa no sábado, algo de que o Beckett me recorda quando os acompanho ao *hall* de entrada.

— Não te esqueças da minha festa de despedida — diz devagar.

— Sim, claro, a festa de despedida que vais dar a ti próprio.

— O que é que tem?

— É estúpido. Mas estou ansioso por estrear a piscina, por isso, uma festa a celebrar o facto de o idiota do meu amigo ir de férias é uma razão como qualquer outra.

Ele ri-se entre dentes.

— O que disse a tua nova vizinha sobre a festa?

— A Dixon? Oh, está entusiasmadíssima. Mal pode esperar.

— Tem cuidado — avisa o Will. — A Diana pode ser cruel. E não se importa de fazer jogo sujo.

— Isso é suposto dissuadir-me? — pergunto, com um sorriso. — Quanto mais sujo melhor.

Depois de os meus amigos saírem, dirijo-me à ilha de cozinha para examinar os documentos que a minha mãe me deixou na bancada. Os meus pais estiveram cá ontem a finalizar os preparativos antes da minha mudança. O que significa que a minha mãe abasteceu o frigorífico, certificando-se de que toda a papelada importante ficava no mesmo sítio, enquanto o meu pai acertava tudo com o empreiteiro.

Sento-me num banco alto de pele preta e suspiro enquanto folheio a enorme pilha de papéis. A informação é tão chata como esperava.

Passo os olhos pelas páginas até que uma me chama a atenção. É um mapa ilustrado da propriedade do Meadow Hill. Debruço-me sobre os antebraços para o analisar. Porque será que todos os edifícios têm nomes de árvores? O meu é o Red Birch (Bétula Vermelha). Ao lado, fica o Silver Pine (Pinheiro Prateado). White Ash (Freixo Americano), Weeping Willow (Salgueiro-Chorão), Sugar Maple (Carvalho Canadano). O edifício principal, onde estão as caixas de correio, chama-se Sycamore (Sicómoro). Há ainda um segurança à entrada dia e noite. É bom sinal.

Ponho o mapa de lado e tento concentrar-me na página seguinte, mas trata-se de uma leitura enfadonha. Como disse a Diana, o condomínio reúne-se de quinze em quinze dias e eu sou convidado a participar. Mas duas vezes por mês? Que tipo de condomínio precisa de reunir com tanta frequência? E aos domingos? A mim é que não me apanham numa reunião entediante onde as donas de casa e os seus maridos desesperados por sexo discutem normas de utilização da piscina e quando usar os corta-relvas. Jamais serei assim tão mundano.

Os regulamentos de ruído não fazem sentido nenhum. Dizem que não se pode fazer barulho depois das nove da noite, exceto à sexta-feira, em que pode ser até às onze horas. Também não se pode fazer barulho aos fins de semana depois da meia-noite, exceto aos domingos, altura em que só se pode ser barulhento até às dez da noite. Basicamente, a sexta-feira não conta como fim de semana, nem o domingo, e a única noite em que podemos estar à vontade é ao sábado. Muito bem.

Chego a cerca do meio da pilha e desisto. Acabo o resto mais tarde. O meu cérebro não está preparado para tanto aborrecimento.

Dirijo-me ao meu quarto novo. A forma como arrumava o quarto na minha antiga casa era bastante utilitária. Para grande desespero da minha mãe, enfiei a maior parte das roupas e lençóis em sacos do lixo. Não é bonito, mas é eficaz. Vasculho o saco dos lençóis e encontro um jogo novo de lençóis e fronhas. Noutro saco do lixo está um edredão e uma capa. Depois de fazer a cama, sento-me aos seus pés, tiro o tele-móvel do bolso e ligo à minha mãe.

— Olá! — atende jovialmente. — Já arrumaste tudo?

— Iá, o pessoal acabou de sair. O sofá, a televisão e a cama já estão no sítio.

— Ótimo. E que tal o apartamento em geral? Gostas? Estás satisfeito com a cor da tinta que escolhemos para a cozinha? E o painel atrás da bancada? Achei que um azulejo branco ficaria mais elegante.

— Está tudo lindo — asseguro. — Sinceramente. Obrigada mais uma vez por tudo o que fizeste. Eu não teria sido capaz de o decorar com tanta perfeição.

A minha mãe escolheu literalmente tudo: as amostras de tinta, os quadros para pendurar na parede. Cenas aleatórias em que, provavelmente, nem teria pensado, como corredores para a louça e cabides.

— Claro — diz. — Tudo pelo meu filhote. Já... Maryanne! Não! Dá-me o bicarbonato de sódio! — A sua voz fica abafada enquanto re-preende a minha irmã mais nova. Depois volta e ouço-a claramente outra vez. — Desculpa. A tua irmã está a dar comigo em doida. Está a tentar construir um foguete de garrafa modificado.

— Desculpa, o quê?

— Na semana passada, no campo de férias, aprenderam a fazer foguetes de garrafa em miniatura e ela arranjou maneira de os modificar para ficarem mais poderosos. — A minha mãe diz um palavrão em voz baixa. — É o resultado de a deixarmos ir para o campo de férias espacial.

— Pensava que tinha ido para o campo de férias de geologia.

— Não, esse é em agosto.

Só a minha irmã mais nova para frequentar não um, mas dois campos de férias de ciência durante o verão. Felizmente, isto não faz dela uma croma, porque é a criança de 10 anos mais fixe que já conheci. A Maryanne é incrível. Os meus pais também, já agora. Sempre fomos muito chegados.

— Enfim, o que mais queria perguntar-te? — diz, pensativamente. — Ah, já sei. Os outros três apartamentos do Red Birch. Que tal os teus vizinhos? Já conhecestes alguém?

— Só uma. Estava completamente nua à porta do apartamento quando chegámos.

— O quê? Estás a gozar? — exclama a minha mãe, escandalizada.

— Não. Andava atrás de uma gata e deixou cair a toalha. Foi o melhor acidente que já testemunhei.

— Não sejas grosseiro, Shane.

Rio-me para mim mesmo.

— Desculpa. Mas não te preocupes. Ela odeia-me, por isso, está tudo bem.

— O quê? Não me parece nada bem. Porque é que não gosta de ti?

— Oh, conheço-a da Briar, é amiga de uma amiga. É na boa. Não a considero uma vizinha a sério. Estou certo de que os outros vizinhos serão fantásticos e nada antipáticos.

Conversamos um pouco mais e combino ir a casa, no Vermont, por uns dias no final da semana. Quando desligo a chamada, penso em quem poderá andar por lá esta semana. Se alguns antigos amigos do secundário estarão de visita durante o verão e...

É isso que estamos a fazer?, troça uma voz na minha cabeça. A mentir a nós mesmos?

Porra. Está bem. Estou a pensar se a Lynsey estará por lá. E sei que não devia pensar nisso. Ou dar-lhe importância. Porque acabámos há pouco mais de um ano e é demasiado tempo para ainda estar a pensar na mesma pessoa.

Felizmente, o meu telemóvel vibra com uma mensagem antes de concluir que sou ridículo por continuar obcecado com a minha ex-namorada.

CRYSTAL:

Já estás instalado?

Cruzei-me com ela na cidade há bocado quando fui com o pessoal buscar café ao Starbucks antes de irmos para aqui. É gira. Tem um cabelo preto sedoso. Um sorriso lindo. Uma prateleira ainda melhor. Trocámos números de telefone enquanto esperávamos na fila, para grande divertimento do Beckett e do Will.

Como preciso de redirecionar imediatamente o meu cérebro, não perco tempo a escrever uma resposta à Crystal. A última coisa que quero fazer esta noite é ficar aqui sentado a pensar obsessivamente na minha ex. Sou melhor do que isso. E estou com tesão.

EU:

Queres encontrar-te comigo hoje à noite?

CRYSTAL:

lá, podemos fazer isso. Amanhã não tenho campo de férias de cheerleading.

Acho que também devia mencionar que a Crystal é *cheerleader* na Briar. Iá. Outra colega da Diana.

Olhem para mim, a infringir todas as regras Dixon.

EU:

Eu envio-te a morada.

CAPÍTULO 3

DIANA

Quem te ensinou a viver?

— Oh, meu Deus, estou quase a fazer chichi nas cuecas. Mexe-te! Mexe-te, Diana! Sai-me da frente!

A Gigi Graham irrompe pela minha porta adentro, praticamente empurrando-me contra o armário do corredor. Combinámos jantar esta noite, mas, em vez de esperar por mim à porta do edifício Sycamore, como era suposto, usou a sua chave para entrar no prédio e apareceu-me à porta aflita para fazer chichi.

As suas sandálias bofeteiam o chão de madeira numa corrida louca até à casa de banho. Está com demasiada pressa para fechar a porta e, alguns segundos depois, ouço o barulho tímido do chichi a cair sobre a porcelana.

— Não tens maneiras? — exclamo.

— Abandonaram-me a seguir ao terceiro café gelado. Cometi o erro de beber outro mesmo antes de sair de Boston para vir apanhar-te.

— Café gelado, hein? Tens a certeza de que não estás... tu sabes...

— O quê?

— Grávida, Gigi.

Ouço um ruído alto e estrangulado.

— O quê?! Meu Deus, não! Lá porque me casei não quer dizer que esteja preparada para ter um filho. Bebi demasiado café no carro e não me apeteceu parar. Acredita, serias a primeira pessoa a quem ligaria se estivesse grávida. Porque estaria a passar-me completamente.

A Gigi puxa o autoclismo. Ouço-a lavar as mãos, regressando de seguida à cozinha muito mais descontraída.

O seu olhar desloca-se até à mesa de centro e para.

— Arranjaste um gato?

Graças à confusão da mudança do Shane para o apartamento vizinho, esqueci-me da *Lucy*. Está escondida debaixo da mesa, sacudindo a cauda, inquieta. Enviei uma mensagem à Priya a dizer que a devolveria quando saísse para jantar.

Quando a *Lucy* me vê a olhar para ela, faz um miado queixoso.

— Ah, estás chateada comigo? A sério? Fui apanhada nua pelo meu vizinho engatatão porque tu decidiste ir contra mim e *eu* é que sou a má da fita? — Viro-me para a Gigi, respondendo à sua pergunta. — É a gata da minha vizinha e é um demónio. Deixamo-la em casa quando sairmos.

— Espera, estavas a falar do Shane? — A Gigi parte-se a rir. — O Shane viu-te nua?

— Caí quando a *Lucy* fugiu e larguei a toalha no preciso momento em que o Shane vinha a subir as escadas. — Resmungo. — *Odeio* que o Lindley esteja em vantagem. Ver-me nua é absolutamente munição pesada. — Ergo o olhar, exasperada. — Porque é que a minha vida é assim?

— Porque é que estás a falar para o teto?

— Não estou a falar para o teto. Estou a falar para o universo.

— Porque é que o universo está lá em cima? Está em todo o lado.

— Pronto, então estou a falar com os deuses. Os cinquenta deuses.

— És tão estranha. — A Gigi afasta-se da bancada. — Então, vamos andando?

Aos meus ouvidos, o som das suas sandálias sobre a tijoleira da cozinha não é mais alto do que o som de uma caneta a cair, mas, para o meu vizinho Niall, os nossos passos bem podiam ser uma avalanche de tachos e panelas a cair do teto.

— Pouco barulho! — Ouço a sua voz abafada abaixo de nós.

— Repito, porque é que a minha vida é assim? — Bato com o pé no chão. — Se não gosta do som das pessoas a andar normalmente, Niall — grito —, não vai gostar nada de me ouvir dançar amanhã!

— Deduzo que o Kenji venha cá a casa? — pergunta a Gigi, divertida.

— Já.

O Kenji é um amigo da escola e, mais importante do que isso, é o meu parceiro de dança. Este é o nosso terceiro ano a participar num campeonato de danças de salão, mas não se trata de uma competição

qualquer. É só o maior evento amador de dança do país, organizado todos os anos em Boston.

Sim, pessoal. Estou a falar do Campeonato Nacional de Danças de Salão para Amadores Avançados.

Dantes não era para avançados, mas havia demasiados principiantes só a quererem divertir-se. Deus nos livre! Por isso, agora, somos amadores AVANÇADOS. O que significa que nenhum Joe ou Sally com um cheque no valor da inscrição podem pagar para competir. Os guardiões das danças de salão não brincam em serviço. Na verdade, ninguém pode candidatar-se ao CNDSAA sem passar primeiro uma fase preliminar. Todos os potenciais concorrentes devem enviar um vídeo de dois minutos mostrando uma coreografia da lista de danças aprovadas. Um painel de três jurados classifica todos os vídeos das audições e decide quem pode competir.

O que significa que estou a treinar para algo em que posso nem sequer vir a competir. No entanto, eu e o Kenji qualificámo-nos no ano passado, por isso, tenho esperança de que consigamos fazê-lo outra vez.

— Andas sempre tão ativa — diz a Gigi, admirada. — A claue, esta cena da dança...

— Isso são duas coisas.

— Está bem, mas atiras-te sempre de cabeça para estes projetos. O teu horário da claue já é suficientemente agitado e ainda acrescentas danças de salão à mistura e consegues, de alguma forma, dar-lhes a mesma atenção. Se eu tivesse de me concentrar noutra coisa além do hóquei e dedicar-lhe a mesma atenção, seria um zombie. — Abana a cabeça quando lhe ocorre outra coisa. — E tens dois empregos! Que cena. És uma supermulher?

Encolho os ombros.

— A vida é demasiado curta para não fazer tudo o que quero fazer.

— A vida também é cansativa. — Ri-se. — Para toda a gente menos para ti, parece.

É verdade que tenho uma quantidade assustadora de energia. Ela tem razão.

Pego na mala, que está em cima da poltrona com forro xadrez ao lado do sofá, ponho a alça sobre o ombro e ajoelho-me em frente à mesa de centro.

— Anda, demónio. Está na hora de ires para casa.

A *Lucy* tenta afastar-se, mas, apesar do seu protesto miado, consigo pegar nela.

— Não — ordeno. — Já estou farta da tua atitude.

Consigo agarrar a gata com firmeza enquanto tranco a porta e depois eu e a Gigi descemos até ao rés do chão. A *Lucy* lamuria-se, chateada, quando a devolvo a uma Priya muito aliviada.

— Obrigada por ficares com ela — diz a Priya, os seus olhos escuros a brilhar de gratidão. — Teria ido buscá-la mais cedo, mas não podia deixar o meu paciente sozinho em minha casa.

— Não há problema. Mas estou certa de que o Niall não gostou de ouvir os miados a ecoar pelas paredes enquanto ela andou a passear pelo prédio.

O homem com a melhor audição do mundo confirma:

— Foi insuportável! — A queixa abafada vem do outro lado da porta do 1B.

— Oh, acalme-se lá, Niall! — exclama a Priya.

Quando saímos do pequeno átrio e começamos a andar pelo caminho largo em frente ao Red Birch, a minha melhor amiga olha para mim e abana a cabeça.

— O que foi? — pergunto.

— Sabes, a tua mãe talvez tenha razão em relação a este apartamento. Nem sequer podes andar na cozinha sem que gritem contigo. É ridículo.

Depois de resolvermos a questão da herança da tia Jennifer, a minha mãe queria que eu vendesse o apartamento e ficasse com o dinheiro, como fez o meu irmão com o seu apartamento em Boston. Mas eu e o Thomas somos criaturas muito diferentes. Apesar do que a maioria das pessoas pensa quando me conhece, sou uma pessoa bastante caseira. Adoro sair, claro, mas também fico perfeitamente satisfeita se ficar em casa, o que muitas vezes até prefiro.

O Thomas, por outro lado, está sempre em movimento. O seu sonho é trabalhar para uma organização internacional, como a Médicos Sem Fronteiras, quando se formar em Medicina. Acabou o secundário esta primavera e resolveu fazer um ano de intervalo para conhecer o mundo e fazer voluntariado em algumas instituições de solidariedade

social. O dinheiro da venda do apartamento da tia Jennifer irá não só financiar as suas viagens, como também pagar as propinas do curso de Medicina.

Eu tenho uma bolsa integral para frequentar a Briar, o que significa que não preciso de pagar a universidade, e não tenho grande interesse numa exploração global. Portanto, na realidade, não preciso do dinheiro. Só se for para pagar a um faz-tudo. Mas jamais o admitiria à minha mãe. Não quero dar-lhe a satisfação de saber que a minha situação doméstica não é perfeita.

A minha mãe sempre teve expectativas baixas em relação a mim. Mas estou habituada. Chateia-me, claro, mas não posso fazer nada para alterar a forma como ela me vê. E, na verdade, não lhe guardo rancor. Só não somos muito chegadas. Depois de os meus pais se divorciarem, quando eu tinha 12 anos, escolhi viver com o meu pai, porque ele é menos regrado. A minha mãe tinha uma lista de regras que eu era obrigada a respeitar. Viver longe dela criou uma barreira na nossa relação que não conseguimos ultrapassar. Uma distância que não fomos capazes de atravessar.

Também não ajuda nada ela achar que sou uma idiota. A sério. Aos olhos da minha mãe, qualquer pessoa com um QI abaixo dos 150 não é merecedora.

Eu e a Gigi decidimos jantar numa hamburgueria em Hastings, onde conversamos sobre os nossos planos para o verão enquanto esperamos pela comida.

— Não consegues mesmo ir a Tahoe? — Ela não consegue esconder a desilusão.

A família da Gigi passa os meses de agosto no Lago Tahoe, mas, este ano, só lá estarão duas semanas, pois a Gigi irá casar-se no fim do mês. Parece redundante, considerando que ela e o Ryder se casaram em segredo em abril. Mas os seus pais (bem, principalmente o pai) fizeram-na sentir-se de tal modo culpada que a Gigi decidiu organizar um casamento a sério.

— Não posso mesmo — digo, com tristeza. — Vou estar a trabalhar.

É quase impossível arranjar trabalho em Hastings, particularmente durante o ano letivo. Uma pessoa que queira ter um emprego estável, por norma, deverá deslocar-se até Boston, o que demora muito mais

tempo quando não se tem carro, que é o meu caso. Quando arranjei este trabalho como empregada de restaurante em Hastings, nem pensei duas vezes. É um sacrifício necessário; trabalho no Della's durante o verão e garanto um emprego para o outono. Em julho e agosto serei também monitora num campo de férias para jovens *cheerleaders*, portanto nunca poderia ir laurear para Tahoe.

— Vou ter alguns fins de semana livres e muitas noites durante a semana — digo à Gigi. — Por isso, de certeza que poderei ir visitar-te a Boston ou ajudar-te a organizar o casamento. Ir às provas do vestido e isso tudo.

— Ah, não te preocupes. A minha tia Summer está a tratar de tudo. — Suspira. — Prepara-te para receber, pelo menos, dois e-mails por dia.

Ela nem sabe da missa a metade. Já começou. Estou a organizar a despedida de solteira da Gigi com a outra madrinha de casamento, a Mya, antiga colega de casa da Gigi. E a tia Summer já se manifestou, insistindo em participar nos nossos planos, apesar de nem sequer fazer parte da comitiva. A mulher é um tornado caótico com roupa de marca.

— Não acredito que não vou ter par para o teu casamento — digo, quando me apercebo.

— Podias ir com o Shane.

Rio-me tão alto que o casal da mesa ao lado olha para nós.

— Pronto. O Shane não. — A Gigi parece desconfortável. — Sugeriria convidares o Percy, já que insistes em continuar a ser amiga dele, mas, honestamente, preferia que ele não viesse. Também preferia que esquecesses essa ideia de continuarem amigos.

— Não precisas de ficar preocupada. Estava só a ser simpática quando lhe disse isso. — Hesito. — E agora estou arrependida. Ele enviou-me uma mensagem há bocado a perguntar se queria sair.

— Espero que tenhas dito que não.

— Não respondi.

— Ótimo. Não respondas.

Esboço um sorriso.

— Não gostavas mesmo dele, pois não?

— Não. Era um bocado cretino — admite, e não é a primeira vez que o diz.

Durante a minha relação de seis meses com o Percy, esmiuçámos frequentemente a opinião da Gigi em relação ao meu ex-namorado. O seu maior problema era a nossa diferença de idades, embora, sinceramente, esse fosse um dos motivos por que me sentia atraída por ele e um fator importante para justificar porque aguentei tanto tempo quando, passados apenas uns meses, era óbvio que éramos incompatíveis.

O Percy tem 26 anos e, embora cinco anos não seja uma grande disparidade no geral, aos 20 anos faz alguma diferença. Conheço muitos tipos de 20 e 21 anos que parecem meninos comparados com os que conheci com 25 ou 26.

Senti-me atraída pela maturidade do Percy. Não posso negar que era empolgante estar com alguém mais velho. Ele era confiante, tão seguro das suas opiniões, dos seus objetivos. Era querido e atencioso. Dava-me valor como parceira, em vez de me tratar como uma vulgar boneca sexual como muitos tipos com quem tive o desprazer de me cruzar. Era um verdadeiro cavalheiro.

Durante um tempo.

Assim que comecei a conhecê-lo melhor, percebi que não era confiante, mas melindroso. Era obstinado, sim, mas de forma condescendente. E o homem querido e atencioso costumava amuar quando alguma coisa não corria como queria.

— Ele foi tão possessivo daquela vez que saímos juntos — recorda a Gigi, fazendo uma careta. — Ah, e disse que te amava *durante o sexo*. Que confrangedor.

Não discordo. O Percy podia ser... intenso no que tocava a partilhar os seus sentimentos. A primeira vez que disse que me amava foi a meio da ejaculação. Eu não retribuí e percebi pelo brilho descontente no seu olhar que *disso* ele não gostou. Na brincadeira, disse-lhe que dizer «amo-te» durante o sexo não pode ser levado a sério por causa das endorfinas. Então, semanas mais tarde, levou-me a jantar e, durante a sobremesa, insistiu que partilhássemos o garfo e disse-o a sério dessa vez.

Novamente, não retribuí.

Costumo levar o meu tempo. Só disse a um namorado que o amava e foi depois de seis meses de namoro. Mas quando eu e o Percy

atingimos a meta dos seis meses e eu continuava sem sentir algo mais profundo do que «acho que gosto dele», tornou-se evidente que não éramos compatíveis.

Isso e o facto de ele ter atirado um copo contra a parede.

Pois.

Nunca contei à Gigi. Não quis alimentar mais a sua aversão ao meu namorado. Mas, depois de uma discussão ao telefone com o irmão mais velho, o Percy atirou um copo cheio de vinho contra a parede da sala, comigo sentada no sofá num silêncio atordado vendo estilhaços de vidro a explodir e gotas de um vermelho-vivo a ensopar o tapete.

Não vou mentir, foi uma enorme desilusão. Sei que algumas pessoas precisam de um escape para a sua raiva. Quer dizer, já ouvi falar daquelas «salas de raiva» onde as pessoas pagam para destruir televisões antigas e jarras com tacos de basebol. E embora também eu tenha mau feitio, nunca parti nada com raiva. Ver o Percy perder a cabeça daquela maneira por causa de uma discussão parva sobre o irmão faltar ao jantar de Ação de Graças fez-me sentir repulsa. Acabei com ele três dias depois.

As orelhas do meu ex devem estar a ferver, pois ele escolhe esse preciso momento para me enviar outra mensagem. Bolas, já é a segunda.

Sei que devia responder, mas não sei como agir ao pé dele. Sempre que lhe dou um bocadinho de atenção, o Percy tenta reconquistar-me.

— Fogo, ele quer mesmo ir lá à casa hoje à noite — digo, olhando para o telemóvel.

— Ele pode ir à merda.

Sorrio e acabo o meu hambúrguer. A seguir ao jantar, damos um passeio pela Main Street, entrando nalgumas lojas para ver artesanato e roupas originais, e depois a Gigi leva-me a casa. Ainda tem de voltar para Boston esta noite; está a morar com os pais até ela e o Ryder se mudarem para a sua própria casa em setembro.

— Quem me dera que estivesse na residência este verão, para não seres obrigada a conduzir mais de uma hora para vires ter comigo. — Faço beicinho.

— Honestamente, não andarei muito por aqui nos próximos meses. Preciso de tratar de coisas do casamento. E de ir ao Arizona na semana que vem, o Ryder está muito stressado. Depois Tahoe com a família, Itália com o marido, e o casamento propriamente dito.

Assobio.

— Jesus. Que cidadã do mundo. E deixa de fazer as coisas ao contrário, está bem? Casamento às escondidas, lua de mel em Itália e *depois* o casamento? Quem te ensinou a viver?

Ela parte-se a rir.

Não comento sobre a viagem ao Arizona, porque é um assunto sensível. O motivo da viagem é a audiência para a liberdade condicional do pai do Ryder. É trágico, na verdade. O pai matou a mãe quando ele era pequeno. Fez um acordo judicial e está elegível para sair em liberdade condicional depois de apenas quinze anos, embora a acusação não creia que ele tenha hipótese de sair. Mesmo assim, percebo como pode ser stressante para o novo marido da Gigi.

Ela abranda ao chegar ao gigantesco letreiro branco que diz MEADOW HILL, estacionando na entrada circular em frente ao edifício Sycamore.

A Gigi desliga o motor.

— Vemo-nos este fim de semana? — Combinámos jantar outra vez.

— Claro. E se conseguires escapar à tua família antes disso, diz qualquer coisa. Vem cá dar um mergulho. Talvez tenhas de assistir a um ensaio de dança, dependendo do dia, mas eu e o Kenji só ensaiamos cerca de uma hora.

— Eu depois digo-te. Adoro-te.

— E eu a ti.

Dou-lhe um abraço de lado e saio do SUV, pondo a mala ao ombro. A Gigi afasta-se no preciso momento em que está a chegar outro carro. Fico naturalmente curiosa (está bem, sou cusca) e olho para lá, mesmo a tempo de ver um rosto familiar a sair do banco de trás.

Semicerro os olhos. É a Crystal Haller, uma das minhas colegas da claue.

Oh, vá lá.

Aquele cabrão. Porquê!?! *Acabámos* de falar sobre isto.

— Diana. Olá. — A Crystal aproxima-se com um sorriso amarelo.

Não somos próximas. Como capitã da claue, faço um esforço para tentar criar uma ligação com todos os elementos da equipa, mas não consigo tornar-me melhor amiga de dezenas de pessoas com personalidades distintas. Eu e a Crystal nunca simpatizámos muito uma com

a outra. Sinceramente, acho-a um pouco pretenciosa. Somos ambas monitoras no campo de férias de *cheerleading* este verão e desde que começou o campo de férias que ela tem feito vários comentários sobre como não precisa *realmente* do dinheiro, mas é bom ter alguns «trocos».

Para mim, isto não são «trocos». É assim que pago a minha hipoteca. Aproximamo-nos da entrada do Sycamore e paramos à porta.

— Não me lembrava de que moravas aqui — diz a Crystal. — Vim visitar...

— Sim, eu sei. O Lindley.

Ela sobressalta-se.

— Como é que sabes?

— Ele é meu vizinho. Calculei que seria apenas uma questão de tempo até começar o desfile de raparigas.

O comentário fá-la franzir o sobrolho.

— Desculpa — esquivo-me. — Não foi isso que quis dizer. — Faça uma pausa. — Na verdade, foi. Sabes que ele é um engatidão, certo?

Ela revira os olhos.

— Sim, Di. Tenho perfeita consciência de que ele é um engatidão.

Descontraio ao ouvi-la usar a minha alcunha. Significa que não deve ter ficado muito zangada com o comentário do desfile de raparigas.

— OK, ótimo. É só para moderares as tuas expectativas, percebes? A Audrey torceu o tornozelo por causa dele.

— Isso é injusto. Não foi *ele* que lhe torceu o tornozelo.

— Não — admito com relutância —, não pessoalmente. Mas ela caiu porque estava demasiado distraída, obcecada por saber se ele iria ou não ligar-lhe. Alerta de *spoiler*: ele não ligou. — Comprimo os lábios. — Está bem, ele *ligou*. Mas foi para lhe dizer que não voltaria a ligar. — Lanço-lhe um olhar firme. — É um homem muito perigoso.

— Está tudo bem — responde, claramente divertida. — Não precisas de te preocupar comigo. Já sou crescidinha.

— Foste avisada — digo, usando o chaveiro para entrar no prédio. Ela segue-me até ao átrio bem iluminado.

— Boa noite, Diana.

O Richard, o segurança do turno da noite, cumprimenta-me com um sorriso. Está na casa dos 50 e tem uma pele pálida com uma tonalidade avermelhada constante, como se estivesse sempre com um escaldão.

— Boa noite, Richard. — Aproximo-me da sua secretária. — Esta é a Crystal. Veio visitar o Shane Lindley. Red Birch, apartamento 2B.

Ele acena com a cabeça e aponta no registo.

— Anda — digo-lhe. — É por aqui.

Saímos pelas portas duplas das traseiras que vão dar a um caminho pavimentado e sinuoso. O Red Birch é o terceiro edifício a contar do Sycamore. Passamos pelo Cherry Blossom e pelo Silver Pine antes de a encaminhar até ao nosso pequeno átio.

— Este é o nosso prédio — digo, dirigindo-me para as escadas.

— Ah, não estavas a gozar. São mesmo vizinhos.

— Argh. Já.

— Não parecees lá muito contente.

— Não gosto de jogadores de hóquei — resmungo.

Bem, não é verdade. A minha melhor amiga é jogadora de hóquei.

Assim como o seu marido, e eu gosto *dele*.

E gosto do Beckett.

E do Will.

Hum. Parece que o único de quem não gosto é o Shane. Estamos sempre a aprender.

Chegamos ao topo das escadas. Dirijo-me à minha porta, que tem uma pequena placa prateada a dizer 2A. Orientando a Crystal, aponto para o 2B.

— Esse é o dele.

— Obrigada.

Entro em casa e fecho a porta atrás de mim. Do *hall* de entrada, ouço o murmúrio de vozes. Um som grave de gargalhadas: o Shane. Depois, o som distante da porta a fechar.

Na cozinha, envio uma mensagem rápida à Gigi.

EU:

Qual é o número do Shane? Preciso dele.

Preparo uma chávena de chá enquanto converso com o *Skip*, que anda às voltas no aquário. O meu plano para o resto da noite é ligar o TRN, o canal de *reality shows* pelo qual estou obcecada. Esta noite vão passar um episódio especial para dar a conhecer os concorrentes

do meu programa favorito e estou ansiosa para saber quem estará na fazenda nesta temporada.

Estou a pôr-me confortável no sofá quando o meu telemóvel apita. É o Percy outra vez.

PERCY:

Só perguntei porque achei que seria bom vermo-nos e pormos a conversa em dia. Percebo perfeitamente se não quiseres, mas já que decidimos ser amigos...

Ele pontua a mensagem com um *emoji* a encolher os ombros.

Reprimo um suspiro. Sim, eu *disse-lhe* que podíamos ser amigos, mas foi uma forma de suavizar o golpe. Agora irei parecer uma imbecil se voltar atrás.

EU:

Olá, desculpa não ter respondido mais cedo. Fui sair com a Gigi. Se quiseres ver um reality show comigo, podes passar por cá, mas aviso já que quero ir para a cama cedo. Amanhã trabalho no turno do pequeno-almoço.

PERCY:

Fico uma hora, no máximo. Até já.

Quase consigo sentir a excitação nas suas palavras. E vejo o mesmo entusiasmo no seu sorriso ao abrir a porta menos de vinte minutos depois.

— Como tens estado? — pergunto, deixando-o entrar.

— Bem. Estava no Malone's a reunir com um agente imobiliário.

— Às oito e meia da noite?

— Sim, encontrou-se comigo a seguir ao trabalho. Eu contei-te que os meus senhorios querem vender a casa, certo? Este agente imobiliário está a ajudar-me a arranjar outra casa, mas, na realidade, não há nada disponível. Acho que estou tramado.

O Percy estava a arrendar uma casa na cidade, mas, da mesma forma que os empregos são escassos em Hastings, o mesmo se passa com

a habitação. Embora a Briar fique apenas a dez minutos de carro, tecnicamente, Hastings não é uma cidade universitária, o que significa que não estamos preparados para acolher milhares de alunos. Só no ano passado é que a câmara municipal de Hastings autorizou a construção de prédios mais altos do que três andares.

— Que chatice, vais ter de ir morar para as residências universitárias? — pergunto, compadecida.

O Percy suspira e passa a mão pelo cabelo. O seu cabelo é ótimo. Tem umas madeixas grossas e castanhas constantemente despenteadas, mesmo quando não está vento. Tem também as maçãs do rosto bem definidas e a pele clara, uma combinação que lhe dá um ar de príncipe vitoriano. Sempre me pareceu muito mais velho, não só porque é. Honestamente, se me dissessem que era uma criatura imortal com séculos de existência, eu acreditaria.

Resmungando, descalça os mocassins e segue-me até à sala.

— Não posso ir morar para as residências. Alguns dos quartos individuais são simpáticos, mas os únicos que sobram têm casas de banho partilhadas. Credo. Sou um autêntico germofóbico. Sabes que preciso de uma casa de banho só para mim.

— Não te censuro. Eu também.

Ofereço-lhe um chá e conversamos mais um pouco sobre a questão do alojamento enquanto esperamos que a chaleira ferva. Só quando estamos sentados em pontas opostas do sofá é que ele pergunta por mim.

— Então e tu, como estás? — pergunta desajeitadamente.

— Estou bem. Está a ser um verão agitado. — Envolve a caneca com as mãos. — Conciliar dois empregos vai ser complicado. Trabalho praticamente todos os dias da semana.

— Adoro a tua ética profissional. Fazes-me lembrar-me de mim. Quando estava a tirar a licenciatura tinha três empregos.

— É verdade, lembro-me de contares isso.

Bebemos o chá. Reparo que ele olha para mim sobre a borda da caneca e sei que quer perguntar mais qualquer coisa. Provavelmente, se namoro com alguém. Felizmente, domina esse impulso.

— Então, estás pronto? — Com a mão livre, pego no comando que está em cima da mesa de centro. — A nova temporada do *Fling or Forever* começa na próxima semana.

Ele faz uma careta.

— Nem acredito que me obrigaste a ver uma temporada inteira dessa porcaria.

— Três episódios, Percival. Só viste *três*.

— São três a mais. — O riso dança-lhe nos olhos verde-musgo.

Pronto, isto não é assim tão mau. *Talvez* possamos ser amigos.

Encontro o TRN e aninho-me contra o braço do sofá com o meu chá enquanto o especial «Conheça os Concorrentes» do *Fling or Forever* aparece no ecrã. Durante os trinta minutos seguintes, eu e o Percy vemos o programa, comentando os primeiros dez concorrentes desta temporada.

— Cum caraças, aquele é o Steven Price — exclamo.

— Quem? — pergunta o Percy, sem perceber.

— É um jogador da NFL. Bem, ex-jogador. Lesionou-se há umas épocas, tentou regressar e voltou a lesionar-se. Agora está oficialmente reformado.

— Caramba. Estou eu para aqui a trabalhar no duro para acabar o mestrado e este tipo tem a minha idade e já se reformou. — O tom do Percy é sarcástico.

Analiso a próxima concorrente, a Zoey, uma morena deslumbrante de olhos grandes e lábios incríveis.

— É violoncelista — observo, lendo a biografia que surge no ecrã.

— Coitada. Que raio estará a fazer num programa destes?

— Oh, meu Deus. Pronto, é este. Este é o meu homem. — Sorrio ao ver o próximo concorrente, que se senta num banco e se apresenta. — É por este que vou torcer.

— Ele apresentou-se como «o *grande* Connor», na terceira pessoa, Diana. E fala como um palerma. — O tom do Percy manifesta repugnância, fazendo-me rir.

— Não julgues um DJ da rádio pela capa — censuro. — Aposto contigo que, por dentro, é um coração mole. Ah, dá-me um segundo. Recebi uma mensagem.

É da Gigi, enviando-me o contacto do Shane.

GIGI:

Por favor, sê simpática com ele. Agora é praticamente meu cunhado.

Simpática? Mas ela conhece-me?

Abro uma nova conversa e começo a escrever. Por alguma razão, o Shane parece-me o tipo de homem que vê mensagens a meio do sexo, por isso, só para chatear, envio a minha aos bocados.

Quando termino, já vai em dez.

— A quem é que estás a enviar mensagens?

— Desculpa. São para o meu novo vizinho. É tão arrogante e antipático. E, este ano, está a dar-me cabo da vida.

O Percy semicerra ligeiramente os olhos.

— Como assim?

— É aquele que anda a dormir com as minhas *cheerleaders*. Falei-te dele, lembras-te? O jogador de hóquei?

— Acho que nunca o mencionaste. — Reparo que a sua boca fica um pouco tensa.

— Ah, achei que sim. Enfim, ele joga na Briar e é um autêntico engatidão. Esta noite apanhei a minha colega de claque, a Crystal, a caminho do seu apartamento, depois de especificamente lhe ter pedido que deixasse as *cheerleaders* em paz.

— De onde conheces esse tipo? — O desagrado do Percy é agora evidente em cada ruga da sua expressão. — Andas com ele?

— O quê? Não. — Olho fixamente para ele. — Odeio-o.

— Ah, sim? Porque pareces muito interessada na vida sexual de um completo desconhecido.

— Não é um completo desconhecido. Já te disse, é jogador de hóquei. Conheci-o através da Gigi.

— E o que estás a tentar fazer, sabotar-lhe o encontro? — O Percy diz baixinho um palavrão. — Foi para isso que aqui vim?

— Que raio estás para aí a dizer?

— O que é que eu estou aqui a fazer?

— Querias conviver. Como amigos — digo, incisivamente.

— Certo. Deixaste isso bem claro.

— É óbvio que deixei isso claro. Porque nós acabámos. — Os meus dentes rangem. Aclaro a voz para disfarçar qualquer agitação. — Na verdade, foi por causa *disto* que acabámos.

— Porquê? Por eu não compreender o facto de estares a enviar mensagens a este tipo? Porque é que tens o número dele?

— Eu não tenho o número dele.

— Enviaste-lhe uma mensagem!

— Não, eu sei, mas não tinha. Acabei literalmente de o receber da Gigi.

O Percy parece duvidar.

— Estás a duvidar? — Abro a mensagem da Gigi e seguro-lhe o telemóvel à frente da cara. — Vês? Enviei-lhe uma mensagem a pedir o número dele. Não o tinha antes disso.

E porque hei de estar sequer a justificar-me?

Respiro fundo e levanto-me do sofá.

— OK. Está na hora de ires.

Imediatamente, a sua voz adquire um tom de pânico.

— Diana, vá lá.

— Não, foi por causa disto que acabámos, Percy. Porque não somos compatíveis. Porque tu desconfias de mim sem que eu te dê motivos para não confiares em mim. Quando estávamos juntos nem sequer *olhava* para outros homens e nunca traí ninguém na vida, mas, no entanto, fazes-me um interrogatório sobre todos os tipos com quem falo, incluindo este parvalhão. — Aponto para o meu telemóvel. — Nem sequer gosto dele. Por isso, sim, claramente, estamos desencontrados quanto ao que queremos numa relação.

— Só porque preciso que me tranquilizes de vez em quando? — diz, com amargura.

— Sim — admito. — E isso não tem nada de errado. Estou certa de que encontrarás uma mulher que terá o maior prazer em tranquilizar-te. Mas eu quero um homem que confie completamente em mim.

— Eu confio — insiste.

Ignoro-o.

— Estou a falar a sério. Está na hora de ires. Quero ir para a cama. Algo cintila no seu olhar, irritando-me. Mas depois ele respira fundo.

— Está bem. Desculpa. Não te chateio mais.

À porta, o Percy tenta abraçar-me para se despedir. Afasto-me.

— Não — digo. — Não me apetece. Por favor.

— Desculpa. — A sua expressão transmite derrota. — Mando-te uma mensagem amanhã.

Por favor, não, apetece-me gritar, mas ele já se foi embora.

Quando volto para a sala, vejo uma mensagem do Shane no meu telemóvel. Uma resposta à minha mensagem longa e desagradável, basicamente a dizer: «Deixa as minhas *cheerleaders* em paz.»

SHANE:

Oh, parece que alguém está a sentir-se excluída.
Junta-te a nós.

Olho furiosa para o telemóvel antes de responder.

EU:

Nunca.

CONHEÇA OS CONCORRENTES DA TEMPORADA 2 DE *FLING OR FOREVER!*

KEEP IT REAL.COM

AUTORA: TRINA BANNER

DATA ORIGINAL DE PUBLICAÇÃO: 5 DE JULHO

Chegou novamente aquela altura do ano, meninas e meninos!

O verão. O belo e esplêndido verão.

E sabem o que isso significa...

Cinco novos rapazes e cinco novas raparigas chegarão à fazenda para passarem o verão a namorar na mais recente temporada de *Fling or Forever*, no TRN.

O drama! O escândalo! A Suite do Amor! Preparem-se para oito semanas de ação sem parar, em todos os sentidos. Ao longo do verão, dez excepcionais rapazes e raparigas contarão com a companhia de outros solteiros, todos determinados a encontrar o amor e a semear o caos.

Continuem a ler para conhecerem os concorrentes desta temporada...

ZOEY, 21 anos

Oriunda de Nova Iorque, a Zoey é um prodígio do violoncelo e sonha um dia tocar na Orquestra Sinfónica de Londres. Também fica incrível de biquíni. Um aviso à navegação: devem subir a fasquia se querem conquistar o coração desta brasa talentosa.

LENI, 24 anos

Modelo de fato de banho, vendedora em *part-time* e entusiasta das caminhadas, a Leni tem todos os rapazes de LA na palma da mão. Uma autoproclamada defensora das mulheres, a Leni espera encontrar na fazenda tanto o amor como a amizade.

CONNOR, 24 anos

O *grande* CONNOR! É verdade, malta. Podem amá-lo ou odiá-lo, mas o polémico DJ chegou à fazenda. Há um motivo para as mulheres de Nashville andarem coladas aos seus auriculares. Ele é ousado, adora tagarelar e está pronto para arrasar!

STEVEN, 26 anos

Não estão a alucinar. Trata-se do antigo defesa central da NFL, Steven Price, e sim, os seus abdominais são deliciosos. Após muitos anos em campo (literalmente), este inesperado coração mole está finalmente pronto para encontrar o amor!

ZEKE, 22 anos

Modelo e treinador pessoal oriundo de Miami, o Zeke não é um estreante em *reality shows*. Talvez o reconheçam da sua passagem pelo *Friend Zone*, no TRN, onde chegou até ao Dia da Proposta e a Christa lhe partiu o coração, dizendo que deviam ser apenas amigos. Agora está de volta, em busca de uma segunda oportunidade. E de bronze.

TODD, 22 anos

Todd, um promotor de eventos, passa a maior parte do tempo a desfrutar da vida noturna de Manhattan. Traiu todas as namoradas que teve, mas espera conhecer alguém na fazenda que o convença a não querer afastar-se.

KY, 21 anos

Aspirante a atriz oriunda de LA, a Ky está pronta para conhecer o seu príncipe encantado. Mas só se esse príncipe tiver um lado selvagem. Ela é demasiado jovem e atraente para se aborrecer numa relação. Se alguém não a entusiasma, ela passa para o próximo.

DONOVAN, 20 anos

Quem não gosta do sotaque britânico? O Donovan é estudante internacional de Belas-Artes durante o dia e da bela arte de ser engatado durante a noite. Diz que será preciso uma rapariga muito especial para domar o seu lado selvagem.

JAS, 22 anos

Estudante de Direito na NYU, a Jasmine, também conhecida por Jas, não tem medo de dizer o que pensa. Com ela, basta um passo em falso e eles passam à história. Tem pouca paciência e não dá segundas oportunidades. E com aquele rabo, porque haveria de fazê-lo?

FAITH, 27 anos

«Vendedora de material de escritório da Geórgia»? Que seca! Mas não se preocupem, o segundo trabalho da Faith é ser modelo no Instagram e tem mais de dois milhões de seguidores. Autoproclamada rainha das fotos provocadoras, a Faith não está interessada em rapazes. O que ela quer é um HOMEM.

HÁ ALTURAS EM QUE JOGAR EM EQUIPA É A MELHOR SOLUÇÃO

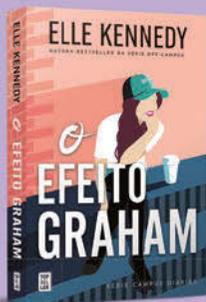
Diana Dixon tem a sua agenda muito preenchida. Está a ensaiar para uma competição de danças de salão, a tentar conciliar dois empregos e a lidar com o ex-namorado insistente. E, como se isso não bastasse, ainda tem de aturar Shane Lindley, que acabou de se mudar para o prédio dela e parece decidido a envolver-se com todas as suas colegas da claqué.

É verdade que Shane é um jogador de hóquei lindo de morrer, mas está a entrar no território de Diana, e isso exige algumas regras: nada de festas em casa, deixar as suas companheiras em paz e, acima de tudo, manter-se afastado dela.

O que Diana não sabe é que Shane já está farto de relações casuais e quer um relacionamento sério. Quando a ex-namorada reaparece na sua vida, ele decide mostrar-lhe que já a esqueceu e resolve fazer-lhe ciúmes. E quem melhor para interpretar o papel de nova namorada do que a sua vizinha atrevida?

Afinal, um namoro a fingir pode ser também a solução perfeita para Diana, que tem os seus próprios problemas. O que eles não esperavam era que todo aquele fingimento pudesse tornar-se tão real.

Não perca,
da mesma série:



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN: 978-989-583-521-8



9 789895 835218